

ANJ

 ASSOCIAÇÃO
 NACIONAL DE JORNALIS

IVZ

 INSTITUTO VERIFICADOR
 DE JORNALIS

 SISTEMA A TRIBUNA
 DE COMUNICAÇÃO


120 ANOS

TRIBUNA

 FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894
 M. Nascimento Jr. (1909-1959)
 Giusfredo Santini (1959-1990)
 Roberto Mário Santini (1990-2007)

MARCOS CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Presidente

ROBERTO CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Vice-Presidente

RENATA SANTINI CYPRIANO
 Diretora de Marketing

FLAVIA CLEMENTE SANTINI
 Diretora de Circulação

PAULO NAEF
 Diretor-Superintendente

CARLOS CONDE
 Editor-Chefe

MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES
 Gerente Comercial e Marketing

MARCO ANTONIO DA COSTA
 Gerente Industrial

O VLT no centro da Francisco Glicério

As informações fornecidas pela Prefeitura de Santos acerca do traçado da linha férrea onde circularão as composições que formam o VLT – Veículo Leve sobre Trilhos, ao longo da Avenida Francisco Glicério, em Santos, são muito importantes.

A obra, já em andamento, tem enorme relevância para a solução dos problemas de mobilidade urbana na região. Deve ser valorizada e apoiada, na medida em que responde a antiga demanda, além de contribuir, de modo decisivo, para a integração e acesso metropolitano.

O traçado da via, no trecho da Francisco Glicério, tem suscitado dúvidas e controvérsias. Alegou-se que os primeiros projetos previam que a linha seria instalada no antigo leito da Fepasa, na lateral da avenida, e muitos passaram a defender tal alternativa, contrariando os planos que, segundo a Prefeitura, definiriam desde 2007 que os trens circularão pelo canteiro central.

As explicações dadas ajudam a entender a questão, e mostram que há vantagens na solução “canteiro central”. Em primeiro lugar, a circulação dos trens pelo meio da avenida não impedirá as conversões à direita no fluxo Santos-São Vicente, o que aconteceria se o traçado fosse o leito da antiga linha férrea. Problema especial ocorreria no cruzamento da Francisco Glicério, no sentido de São Vicente, com o Canal 2: a espera acabaria por tomar uma faixa de rolamento da avenida, o que será eliminado com

os trens no canteiro central. Diminuirá, também, o tempo de transição semaforizada (vermelho para o verde) de 22 para 16 segundos.

Mas as vantagens não param aí. VLT na lateral da avenida trará problemas de conversão ao final, exigindo, pelo raio de curvatura necessário, desapropriações que podem incluir o prédio da Faculdade de Educação Física da Unimes. No centro da avenida isso não será necessário. E a Prefeitura revela também que o VLT no canteiro central implica remodelação da avenida, com as duas pistas ficando mais largas, e, portanto, melhorando o trânsito.

Entre os Canais 1 e 2, os moradores da Rua Marquês de São Vicente, uma rua estreita e confinada, passarão a ter frente para a avenida. Na verdade, a rua deve desaparecer neste trecho e os imóveis ficarão de frente para a nova Francisco Glicério, sendo valorizados.

Há o problema da feira-livre realizada no local aos sábados. Durante as obras, qualquer que seja o traçado – lateral ou central – ela não poderá permanecer, e terá que ser transferida. Completada a obra, com o VLT em funcionamento, não haverá impedimento algum a que a feira volte a ser montada no local atual.

Informar a população e discutir detalhes dos projetos com ela é dever da administração pública. Isso precisa ser feito com transparência, ouvidas as opiniões de todos. Mas devem prevalecer ao final a racionalidade e o interesse de todos.

Bancadas dos Estados

Está na Constituição Federal, no parágrafo 1º do artigo 45: o número de deputados federais por Estado será estabelecido por lei complementar, proporcionalmente à população, procedendo-se aos ajustes necessários, no ano anterior das eleições.

Em 2013, um ano antes das eleições de 2014, caberia ao Congresso, portanto, elaborar e votar lei nesse sentido. Nada, porém, foi feito, dentro da habitual inércia legislativa. Enquanto isso, o Tribunal Superior Eleitoral expediu resolução, em abril, fazendo os necessários ajustes. Trata-se de medida simples, mera operação aritmética que leva em conta as populações dos Estados e faz a proporção no total de 513 deputados. Houve mudanças: ganho nos Estados do Pará (4 cadeiras), Ceará e Minas Gerais (2 cadeiras cada um), e Amazonas e Santa Catarina (1 cadeira cada um), enquanto Paraíba e Piauí perdem 2 vagas cada um, e Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Alagoas e Rio Grande do Sul perdem 1 vaga cada Estado.

O Congresso demorou, mas reagiu. Na quarta-feira o Senado aprovou, por margem apertada (34 a 28), projeto de decreto legislativo que suspende a resolução do TSE. O projeto segue agora para a Câmara. A confusão está instalada, e mais uma vez assiste-se a um conflito de poderes: o Congresso não faz a sua parte (a lei complementar), o TSE invade a competência, e a reação vem com um instrumento ina-

dequado (um decreto legislativo).

Na verdade, a confusão é provocada pelos prejudicados (os Estados que perdem deputados). A Constituição é clara: deve haver a atualização das bancadas baseada em critério objetivo, que é a população dos Estados. Não há o que discutir a respeito: bastaria que o Congresso fizesse a sua parte. Como ele não fez, e o TSE definiu a regra, os que perdem usam tal expediente para tentar sustar a medida.

Essa questão remete ainda a outro ponto, de vital importância, que é a representação da população na Câmara dos Deputados brasileira. Como aqui vigora o bicameralismo, temos duas casas legislativas federais: o Senado e a Câmara. O primeiro representa os Estados, e assim todos eles têm o mesmo número de senadores: três. A Câmara, entretanto, representa a população brasileira. Como aqui vigora o bicameralismo, temos duas casas legislativas federais: o Senado e a Câmara. O primeiro representa os Estados, e assim todos eles têm o mesmo número de senadores: três. A Câmara, entretanto, representa a população brasileira. Como aqui vigora o bicameralismo, temos duas casas legislativas federais: o Senado e a Câmara. O primeiro representa os Estados, e assim todos eles têm o mesmo número de senadores: três. A Câmara, entretanto, representa a população brasileira.

Não é, infelizmente, assim. A Constituição dispõe um mínimo de 8 deputados e máximo de 70. São Paulo, que, baseado em sua população, deveria ter cerca de 111 deputados, tem apenas 70. Enquanto isso, estados menores como Roraima ou Amapá tem 8 deputados. Enquanto em São Paulo há um deputado para cada 600.000 habitantes, esse número cai para 59.000 em Roraima. Isso distorce a representação no país, e acaba por prejudicar o bom funcionamento da democracia.

Do leitor

E-MAIL
 leitor@tribuna.com.br

As cartas enviadas à Tribuna do Leitor devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

ATENDIMENTO AO LEITOR
 Telefone: 0800-727 7710

REDAÇÃO
 Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos,
 São Paulo. CEP 11013-900

Reflexão de médico

Muito oportuno o artigo do dr. Arnaldo Haddad, publicado em 18 de outubro, por ocasião do Dia do Médico. O “linchamento” que a categoria médica está sofrendo no país, patrocinado pelo governo federal, com a propaganda do programa Mais Médicos, nos coloca como inimigos e responsáveis pela péssima qualidade da medicina que o SUS oferece à população. Não só a mais carente, mas a uma grande parcela da classe média sem condições de pagar plano de saúde. O partido no poder há onze anos não conseguiu realizar nada que amenizasse o sofrimento daqueles que acreditam ser esse programa a solução de todos os seus problemas de saúde. Os médicos brasileiros têm motivo para comemorar o seu dia, onde milhares de pessoas estão sendo atendidas, tratadas e operadas neste instante. Esse privilégio o médico tem. O “obrigado doutor” é nosso prêmio maior. Como em todas as profissões, existem aqueles que maculam e envergonham a classe. Felizmente, são infima minoria.

GEORGE BITAR - SANTOS

>>> Como mãe de médico, fiquei emocionada com a crônica, publicado no Dia do Médico. Sei como é difícil estudar, se formar e não ser reconhecido. Que Deus ilumine o caminho desses abnegados.

GLADYS TEIXEIRA - SANTOS

>>> Fiquei emocionada ao ler a crônica do dr. Arnaldo Tebecherane Haddad, “Reflexões de um médi-

co”, onde ele se refere a meu saudoso e querido pai, dr. Victor Vallejo, como um sábio mestre. Após quase dez anos de sua morte, ser lembrado dessa maneira me enche de orgulho, porque vejo que sua conduta ética e sua dedicação no exercício da profissão que escolheu deixaram um legado que serve de exemplo às gerações futuras. Obrigada dr. Arnaldo, pelo carinho da lembrança. Parabéns por ter escolhido esse “Sublime magistrado”.

ANA MARIA VALLEJO NETTUZZI - SANTOS

Farra das aéreas



As companhias aéreas já estão se aproveitando do assunto Copa do Mundo para aumentar o valor das passagens. Essa é uma atitude de país pobre que fica esperando uma oportunidade para lucrar em cima do cliente. A ANAC, agência que deveria fiscalizar o abuso das aéreas, finge-se de morta, pois trabalha para as companhias. A TAM companhia mais chilena que brasileira é a líder no aumento das passagens seguida pela

Avianca, Gol e Azul. Agora só faltam os hotéis começarem a cobrar preços estratosféricos. Os brasileiros deveriam fazer um boicote e deixar os voos vazios.

IZABEL AVALLONE - SANTOS

Combater dengue

O combate ao mosquito da dengue se repete há vários anos. E o que tem sido feito pelo poder público tem diminuído mas não encerrado os riscos à saúde da população. É preciso colaborar, evitando acúmulo de água, onde se dá a reprodução desse inseto tão perigoso. Há situações que exigem a presença dos organismos da Prefeitura. Na Rua José Clemente Pereira, no Campo Grande, em Santos, faz tempo que a água ocupa grande espaço na beira da calçada, nas proximidades do número 22. Quem poderá tomar providências para acabar com esse foco dos mosquitos da dengue?

URIEL VILLAS BOAS - SANTOS

Renovação

Em 9 de outubro pude constatar o quanto precisamos renovar nossos políticos. Assistindo à sessão da Câmara observei o 1º suplente, Beto Bayard, que assumiu no lugar do vereador Carabina. Chegou ele cheio de vontade, entusiasmo e personalidade. Bom seria se todos fossem assim, que saíssem desse ostracismo que adquiriram no decorrer de suas carreiras políticas. Aqui não me cabe citar nomes nem julgar ou criticar, apenas cabe destacar o quanto a renovação é necessária.

RODRIGO DE OLIVEIRA VIVIAN - SANTOS

Tribuna Livre

ALCINDO GONÇALVES. Engenheiro, cientista político, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado e Doutorado - da UniSantos e coordenador-geral do IPAT

Romances brasileiros

Leitor compulsivo e comprador emérito de livros, estou atualmente na fase de descobrir a nova literatura brasileira. É claro que não tenho capacidade de ler todos os livros lançados nos últimos tempos, e minha aptidão crítica é limitada. Sem maiores pretensões, limito-me ao prazer de conhecer os novos autores e percorrer suas páginas.

Os estilos são diferentes entre os vários romances. Há, entretanto, rupturas e inovações em relação à tradicional literatura contemporânea. Os méritos estão em conseguir contar histórias interessantes, revelar fortes personagens e inovar, de certa forma, a técnica narrativa. E, é claro, prender o leitor até a última linha.

Arrisco citar alguns desses livros. Um deles é “Barba enopada de sangue”, de Daniel Galera, que conta a trajetória de um professor de educação física e sua mudança para Garopaba, cidade do litoral catarinense. Após o suicídio do pai, anunciado a ele, o personagem parte, com a velha cachorra que herda (e que deveria morrer, segundo instruções paternas), rumo a uma nova vida. E lá encontra amores e decepções, enquanto é atormentado pela busca de informações sobre o avô, desaparecido (e morto?) em Garopaba. Há um momento fantástico, quando o personagem, cujo nome nunca é revelado, parte pelo litoral catarinense: a descrição da paisagem – praias, morros, florestas – é preciosa.

Obra mais densa, “O sonâmbulo amador”, de José Luiz Passos, con-



ta a história de um homem marcado pela perda. Jurandir, chefe de segurança de uma tecelagem, mal casado e com uma amante eventual, perde o controle e acaba internado numa clínica psiquiátrica. Lá, ao lado do médico que dele cuida e de dois personagens incríveis, o enfermeiro Ramires e a interna Madame Góes, revive sua história em meio a sonhos e à realidade.

“O dribble”, de Sérgio Rodrigues, é um raro romance sobre futebol, que parte do formidável lance da Copa de 1970, quando Pelé driblou o goleiro do Uruguai, Mazurkiewicz, de maneira sensacional e incrível, mas não fez o gol. A descrição do lance é perfeita, com a conclusão dramática: Pelé desafiou Deus e perdeu. Fico a pensar por que o futebol, esporte favorito do Brasil, inspirou tão poucas obras. E elas têm sempre acento carioca, como o excelente “Páginas sem glória”, de Sérgio Sant’Anna, com uma divertida narrativa de um jogo entre Bon-

sucesso e Olaria.

Deixo por último o meu favorito dessa atual safra. O nome do romance é estranho e inusitado: “A tristeza extraordinária do Leopardo-das-Neves”, escrito por Joca Reinors Terron. É um livro que encanta e seduz, com sua história de suspense e terror. Ambientado no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, com judeus históricos e coreanos e bolivianos recentes, conta duas histórias paralelas: a de um escrivão de polícia, filho de um judeu e uma negra, a cuidar do pai demente, e de uma estranha criatura, de hábitos noturnos, atendida por uma enfermeira. Os acontecimentos são imprevisíveis, mas a habilidade narrativa é incrível.

Tenho mais alguns livros na prateleira. Até que passe essa fase, vou conhecer mais alguns autores brasileiros modernos. E com eles percorrer histórias alegres e tristes, desafiadoras e intrigantes. Alguém imagina um prazer maior do que esse?